

Museum of me: instagram and the memorial legacy

Museu de mim: o instagram e o legado memorialístico

Mariana Fernandes Mendonça^{1,2}, Rundsthen Vasques de Nader^{1,3}

¹ Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

² Biblioteca do Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

³ Observatório do Valongo, Universidade Federal do Rio de Janeiro

marianafernandes50@gmail.com, rvnader@astro.ufrj.br

Recebido: 4/12/2019 Aceito: 8/12/2019 Publicado: 12/12/2019

Abstract. *This article presents a reflection about the use of the social network Instagram and its consequences for collective and individual memory. It is known that users of social networks are not always concerned with the truth of what is posted, especially when it comes to personal photographs: only what is good deserves to be posted not the totality of what was lived, but an edited, thoughtful, filtered fragment of what is real. These are tendencies of a significant fraction of social networks profiles, which are thus based on pseudoreal facts. If Instagram is a form of personal memory, what kind of record is being left for the future? These and other issues that will guide this article.*

Keywords: *Instagram. Social memory. Digital photography. Social networks.*

Resumo. *Este artigo apresenta uma reflexão acerca do uso da rede social Instagram e suas consequências para a memória coletiva e individual. Sabe-se que nem sempre os usuários das redes sociais têm a preocupação com a veracidade daquilo que é postado, principalmente quando se trata de fotografias pessoais: só o que é bom merece ser postado e não a totalidade do que foi vivido, mas sim um fragmento editado, pensado, filtrado daquilo que é real. Estas são tendências de uma fração significativa dos perfis das redes sociais, que são, portanto, baseados em fatos pseudoreais. Se o Instagram é uma forma banco de memórias pessoais, que tipo de registro está sendo deixado para o futuro? Estas e outras questões nortearão este artigo.*

Palavras-chave: *Instagram. Memória social. Fotografia digital. Redes sociais.*

1. Introdução

As redes sociais têm alterado significativamente a forma como a sociedade lida com a fotografia, tanto que hoje conta-se com uma rede social que é especificamente usada para o compartilhamento de fotografias digitais. O Instagram tem como lema “Nós o aproximamos das pessoas e coisas que você ama.” Representa hoje uma das redes sociais preferidas dos jovens brasileiros, ficando atrás apenas do Facebook, que é uma rede com características diferentes, permitindo não apenas o compartilhamento de imagens, como também de links, matérias, textos, áudios e vídeos. O Instagram é a rede social favorita de 1 em cada 4 internautas, de acordo com uma pesquisa feita pelo blog *Opinionbox* em 2019. Conforme mostra a revista FHOX (2017) o Brasil é o segundo país do mundo em número de usuários cadastrados no Instagram; já são 800 milhões de usuários em todo planeta, e o Brasil só fica atrás dos Estados Unidos em número de *instagrammers*. Sendo assim, o que se pode observar é que o uso de fotografias na *internet* vem cada vez mais ganhando espaço e alterando as motivações que levam as pessoas a produzirem esse tipo de registro, gerando uma demanda, ainda nova, de compreender o papel das imagens nesses meios de sociabilidade.

Aspectos subjetivos e sociais das vivências proporcionadas pela fotografia analógica foram modificados com o advento da fotografia digital. As fotografias ocupavam espaços muito delimitados e com uma função bastante definida, a de evocar lembranças. Porta-retratos, álbuns de família, quadros pendurados na sala de estar, eram elementos sempre presentes com a intenção de recordar pessoas e vivências no seio familiar. A fotografia digital e as redes sociais, sobretudo o Instagram, transformaram significativamente o ato de fotografar, seus motivadores, a maneira como dispomos e difundimos a fotografia, e o público. O que se vê atualmente são pessoas obcecadas por registrarem tudo o que julgam “postável”. Pode-se perceber que hoje o maior fomentador de produção de fotografias é o quanto essa imagem vai ser promovida dentro das redes sociais. A fotografia que antes apenas emoldurava as paredes de casa, hoje leva o sujeito a ver e ser visto a todo momento, tornando-se acessível por todos os cantos do planeta.

A fotografia é um suporte de memória, que reúne em si informações sobre pessoas, acontecimentos e lugares. Partindo do autor Nora (1993) que argumenta não haver em essência possibilidade de acesso pleno à memória de forma natural, o artigo considera a necessidade de criarmos os “lugares de memória” propostos por Nora, mantendo assim viva a memória de pessoas, acontecimentos, ambiências, tempos. Nesta mesma linha, o artigo endereça a memória autobiográfica, como esta foi se modificando através da transição da fotografia analógica para a fotografia digital, e como teria conquistado as redes sociais, especialmente o Instagram.

No reconhecimento de que a fotografia digital e as redes sociais vêm alterando a forma como se produz e se pensa os registros imagéticos digitais, pretende-se percorrer os novos caminhos da memória.

2. Fotografia digital x fotografia analógica: relações com a memória afetiva

O processo de criação da câmera fotográfica se deu através Nicéphore Niepce (1765-1833), que usava como material sensível um betume da Judéia. Niépce mostrou seu experimento para Daguerre (1787-1851) que o associou a outras experimentações, criando assim o

daguerreótipo. Na década de 70 do século XIX, o daguerreótipo foi à primeira solução prática do problema fotográfico, pois este “[...] ligava, ainda que precariamente, os objetos dispostos a sua frente” (SANTOS JUNIOR. 2008, p. 3). Segundo este autor, com superfície prateada e base rígida, surgiria o aparelho do inglês William Henry Talbot, que representaria a sucessão da imagem impressa em metal pela fotografia em papel. Aperfeiçoando o processo, George Eastman criou a película de rolo de celulósido que estabeleceria o uso da câmera fotográfica. A partir daí, foram vários os experimentos e invenções até chegarmos à era da fotografia digital.

Em sua obra “Sobre Fotografia” Susan Sontag (1981) afirma que com o tempo a fotografia começou um processo de “[...] democratização de todas as experiências através de sua tradução por imagens.” Quando surgiu, a fotografia era uma prática basilar, amadora, bem diferente da forma como acabaria sendo incorporada à revolução industrial. Ainda nessa obra a autora diz que as primeiras câmeras fotográficas eram manuseadas apenas pelos seus próprios inventores, sem nenhum profissionalismo, sem função social, distante de ser vista como uma arte. Com a revolução industrial, a câmera fotográfica foi se tornando mais acessível e popular, modificando as relações das pessoas com a fotografia. Em seu livro, “Sobre fotografia”, (SONTAG, 2004, p. 8) afirma que com o tempo a fotografia disparou um processo de “[...] democratização de todas as experiências através de sua tradução por imagens.” Para a autora, o que diferenciava uma foto dos antigos registros, era que a fotografia prescindia de interpretação, era um fragmento real do mundo, um pedaço de tempo real congelado. Segundo Boris Kossoy em seu livro História e Fotografia, a fotografia passou a ser vista como um meio de informação visual, que permite o conhecimento para além daquilo que nos é mostrado, causando assim uma mudança na forma como a sociedade enxerga o mundo (KOSSOY, 2001). Ele diz que “O mundo [...] se viu, aos poucos, substituído por sua imagem fotográfica. O mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado” (KOSSOY, 2001, p. 26-27).

Desde sua invenção até os dias de hoje, a fotografia vem revolucionando as formas como os indivíduos lidam com sua memória pessoal autobiográfica. Em meados da década de 1820 foram fabricados as primeiras câmeras fotográficas que se tornaram um meio de registro revolucionário para época, pois através das imagens foi possível ter acesso a pessoas, lugares e acontecimentos de várias partes do mundo. Segundo Lima e Carvalho (2009):

A fotografia popularizou o retrato e levou aos recantos mais distantes do mundo essa “caixa de pandora”, contendo paisagens de lugares exóticos, de monumentos, de tipos humanos, retratos com apelos eróticos, paisagens urbanas das metrópoles, imagens chocantes de guerras e de conquistas científicas (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 31).

De acordo com a reportagem História da fotografia digital, promovido pelo Instituto Português de Fotografia, podemos usar como marco inicial da fotografia digital o ano de 1957, quando Russel Kirsch produziu a primeira imagem digital num computador. A serviço do United States National Bureau of Standards, Kirsch desenvolveu um *scanner* que produzia uma imagem digital a partir de uma fotografia do seu filho. Alguns anos depois, em 1975, um engenheiro da Eastman Kodak, Steve Sasson, criou o que se pode chamar de primeira câmera fotográfica digital. Sasson utilizou um sensor Fairchild CCD e a objetiva de uma câmera de filmar da Kodak, e assim fincaria o maior marco no desenvolvimento da fotografia digital. No ano seguinte, outro fato histórico ocorreu, quando Bryce Bayer inventou o Bayer

Color Filter Array (Padrão Bayer), permitindo que um sensor registrasse imagens em cores . Em 1981, foi construída a primeira câmera verdadeiramente digital por uma equipe de cientistas da Universidade de Calgary, Canadá Em 1986 a Kodak lançou o primeiro fotosensor com mais de 1 megapixel. Por fim, em 1988 a Fujifilm apresentou a primeira câmera que guardava informação em cartão de memória. A partir daí, a câmera fotográfica digital foi incorporando diversas tecnologias inovadoras, até chegar ao que hoje compõe nossos *smartphones*.

Com o advento da fotografia digital, gradativamente foi se impondo o aniquilamento da fotografia analógica, o que se solidificou mais ainda quando a câmera fotográfica foi acoplada aos aparelhos celulares, tornando-se disponível no cotidiano de todos os indivíduos.

A distinção entre público e privado mudou substancialmente com a fotografia digital: o que antes era restrito ao ambiente familiar, portas retratos e álbuns de família, hoje está exposto nas telas dos celulares e redes de compartilhamento *online*. O que se tem é uma publicização dos espaços privados. Com isso a memória, que antes pertencia somente ao núcleo familiar, agora passa a coabitar inúmeras outras pessoas alterando, assim, as formas de lidar com essa memória afetiva assim exposta.

Quando se aborda a fotografia digital em relação à analógica, deve se considerar também o suporte em que a segunda está armazenada e a suscetibilidade a danos definida pelo ambiente digital. Como ficará a memória registrada nas fotografias em um ambiente tão sujeito a erros e apagamentos? Segundo Oliveira (2006):

Não se pode descartar o digital, mas também não se pode simplesmente abandonar o analógico, sem qualquer preocupação com o passado, presente e o futuro. Afinal o que seria da memória dos séculos XIX e XX se não fossem as fotografias produzidas em negativos, que armazenam até hoje imagens importantes da nossa história (OLIVEIRA, 2006, p. 6).

Sendo assim, conclui-se que o impacto da fotografia digital se estende para além da sua reprodução e uso, perpassando preocupações concernentes à memória da sociedade.

3. A fotografia como um lugar de memória

Tendo em vista que a memória é a capacidade de um indivíduo guardar em si as experiências que viveu no decorrer da vida, questões de tempo, informações e pessoas passam a estar envolvidas. Para Le Goff (2003) “Memória é o fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também à vida social.” (LE GOFF, 2003, P. 419).

A fotografia traz à tona recordações sobre objetos, pessoas e lugares, se constituindo assim no que Pierre Nora denomina como um “lugar de memória”, ou seja, um sistema no qual os indivíduos têm a chance de manter resguardado aquilo que, inescapavelmente acabariam perdendo. Segundo Nora (1993):

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 3)

As fotos têm o poder de trazer à tona recordações passadas, Olhar uma fotografia é manter a memória viva em torno de determinado acontecimento; funciona como uma memória física daquilo que um dia aconteceu. Dessa forma, toda fotografia está ligada ao passado, mesmo a que tiramos segundos atrás. A imagem congelada no tempo sempre será referência ao que passou. Para Samain (1998):

Estamos constantemente nos valendo de imagens instantâneas da nossa vida, registradas em papel fotográfico, para retornar o processo de rememorar e assim construir a nossa versão sobre os acontecimentos já vividos. (SAMAIN, 1998, p. 22)

Dessa forma, a fotografia se constitui um lugar de memória na vivência dos indivíduos materializando, assim, um passado preservado através das imagens congeladas no papel ou em pixels. Isso se torna parte de um coletivo quando compartilhado em redes sociais, materializando a memória numa nova e difusa rede tornada local de guarda.

4. O Instagram como um museu de si mesmo

As redes sociais, disponíveis através da *web* por meio de *sites* e aplicativos, se tornaram parte do cotidiano da maioria das pessoas na sociedade atual. O Instagram é a rede social utilizada com a finalidade de compartilhamento de imagens. Nesse sentido é importante destacar que, além de compartilhar imagens, o Instagram armazena essas fotografias, construindo um perfil identitário de cada usuário. Este, dentro de sua conta, terá acesso a sua memória, registrada e guardada num novo substrato de memória, a memória digital. Para a pesquisadora Silva (2016):

Nesse cenário tecnológico, observa-se que a web e suas ferramentas têm contribuído diretamente com a mudança cultural acerca da construção da memória da sociedade, pois é verificado que a memória passa a ser registrada também através de mecanismos digitais, que proporcionam ao indivíduo a possibilidade de registro, compartilhamento e armazenamento de informações, bem como a construção da memória coletiva através das atuais redes sociais que abarcam a sociedade em nossa era informacional (SILVA, 2016, p. 118).

O Instagram tem se configurado como ferramenta de uma memória individual que se torna coletiva dentro de uma realidade que pressupõe a rede social. Assim, um usuário ativo do Instagram pode encontrar na rede social não apenas um canal de compartilhamento de imagens, mas um perfil que carrega em si informações que definem a sua identidade. Uma página na *web* com fotos de momentos marcantes da sua vida, previamente selecionadas com a intenção de gerar curtidas e comentários, representa uma espécie de exposição autobiográfica onde o curador é o próprio indivíduo. Este decide o que deve ou não se mostrado, com base em critérios pessoais, formando dessa maneira, uma nova rede memorialística, uma espécie de museu de si mesmo. De acordo com o próprio site do Instagram, tal museu pode ser acessado por pessoas de diversos países do mundo e pelo próprio usuário quando quer recorrer a uma recordação.

Dentro dessa perspectiva, cabe questionar se o que se assiste nos perfis de Instagram são vidas ou obras, ou o “eu” que está por trás da conta na rede social. Estaria esse último narrando a própria vida ou inventando uma história baseada naquilo que foi por si mesmo vivido? Para Sibilia (2016), que estuda o comportamento humano por trás das redes sociais,

“os habitantes desses espaços montariam espetáculos de si mesmo para exhibir uma intimidade inventada” (SIBILIA, 2016, p.55). O indivíduo que está postando fotos sobre si mesmo no Instagram ou em qualquer outro espaço na *web*, assumiria o papel de autor, narrador e personagem, tudo ao mesmo tempo, segundo Sibilía (2016).

Além disso quando se olha para o objeto da fotografia nas redes sociais, a reflexão assume o caráter de uma narrativa ainda maior, pois através das imagens que são postadas nesses espaços é possível comprovar que algo de fato foi vivido, dando uma veracidade maior do que a de um relato escrito. Da mesma forma que os diários, que no passado ocupavam um espaço de guarda de recordações, as redes sociais hoje também retêm memórias, mas diferentemente dos diários que eram escritos pelos indivíduos para si mesmos, as redes sociais existem para e a partir do outro.

Mais uma vez, Sibilía (2016) afirma que

Com a facilidade técnica que esse dispositivo proporciona na captação mimética do instante, ainda mais após a popularização dos telefones portáteis munidos dessa função, a câmera serve para documentar o que somos de um modo extremamente realista. Esses aparelhos permitem registrar a própria vida sendo vivida e, nesse gesto, oferecem a possibilidade tanto de se ver vivendo (para si) como de se mostrar vivendo (para os outros) (SIBILIA, 2016, p. 60).

O Instagram é, portanto, uma nova forma de compartilhamento e armazenamento de memórias, muito mais que uma simples rede social de fotografias: ele tem se tornado ferramenta de salvaguarda de recordações pessoais, recordações essas que possuem um caráter único, pois são postadas intencionalmente. Fotografias selecionadas, editadas, filtradas e, só após este processamento, postadas para contemplação pelo outro e por si mesmo.

5. Conclusões

A fotografia continua cumprindo seu papel de reavivar memórias. Mesmo com as modificações que ocorreram o longo do tempo, fazendo-a transitar da câmera analógica para as câmeras acopladas aos celulares, a fotografia continua sendo um registro imagético intencional que mantém congelado um fragmento de tempo, para que se possa recorrer a isso quando necessário.

Neste contexto, surge o Instagram, que tem como função básica o compartilhamento de imagens. Observamos que o indivíduo portador de uma conta ativa no Instagram acaba por ser um autor/curador de uma exposição de si mesmo, decidindo, com base em critérios pessoais, o que deve ou não ser postado.

A fotografia guarda em si informações a respeito de pessoas, lugares e eventos. Um perfil de Instagram, carregado de fotografias sobre uma pessoa, é identitário, mas pode também ser considerado um lugar de memória histórica pessoal, pois narra lugares, trajetórias, tempos e acontecimentos que marcaram a sua vida. Futuramente poderão tornar-se espaços de investigação documental e histórica. É necessário, e urgente, um estudo de como essas

imagens poderão reter a veracidade daquilo que foi vivido, para que a memória individual e coletiva futuras não estejam ameaçadas nesses ambientes de sociabilidade.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

FHOX. Instagram: Brasil é o segundo em número de usuários no mundo. 2017. Disponível em: <<https://fhox.com.br/negocios/instagram-brasil-e-o-segundo-em-numero-de-usuarios-no-mundo/>> Acesso em: 17 nov. 2019.

HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA DIGITAL. História da fotografia digital. Instituto Português de Fotografia. 2017. Disponível em: <<https://www.ipf.pt/site/historia-fotografia-digital/>> Acesso em: 04/12/2019. (REFERÊNCIA NÃO CITADA NO CORPO DO TEXTO)

INSTAGRAM. Disponível em: <https://about.instagram.com/about-us>. Acesso em: 14 nov. 2019. (REFERÊNCIA NÃO CITADA NO CORPO DO TEXTO)

KOSSOY, B. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, J. História e memória. 5ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, S.F.; CARVALHO, V.C. Fotografias: usos sociais e historiográficos In: PINSKY, Carla Bessanezi; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, E.M. Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital. Covilhã: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, [2006]. 8 p. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2012.

SANTOS JUNIOR, N.B. Fotografia e Memória: contra a ação do tempo, foto fortalece tradição das técnicas de memorização. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E MÍDIA, 5., 2008, São Paulo. SP.Anais... [S.l.], 2008. (REFERÊNCIA NÃO CITADA NO CORPO DO TEXTO)

SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SILVA, I.O. A memória social registrada no Facebook. Revista Conhecimento em Ação. Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/2879>> Acesso em: 15 nov. 2019.

SONTAG, S. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.